



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

### De volta à feirinha

Depois de muito tempo, mais precisamente, três anos, voltei a frequentar a feirinha de uma cidade da periferia próxima à minha casa. Desde a explosão da pandemia, em 2020, não aparecia por lá. Procurei, mas não encontrei algumas pessoas. Uma delas é o vendedor de abacaxi, um piauiense que conhece há mais de 20 anos.

Não sei o nome, chamo de Piauí. Ele tem uma caminhonete e busca laranja em Água Fria, Goiás, e abacaxi e pequi nos cerrados do interior de Minas. Nos tempos em que construía a casa onde moro passei muito sufoco financeiro.

Todo dinheiro que ganhava virava alimento, tijolo, telha, areia, brita e pagamento para os pedreiros. Então, quando passava pela caminhonete do Piauí, ele me oferecia laranja ou abacaxi. Algumas vezes, eu recusava e dizia a dura verdade dos fatos: eu não tinha dinheiro.

Mas, nos tempos de penúria, ele sempre me deixou levar as mercadorias mesmo que não tivesse grana naquele momento: “Depois, você me paga, comandante”. Tenho ascendência sertaneja, gosto quando as pessoas confiam e negociam baseados na palavra empenhada.

Com a chegada de um hortifruti sofisticado, Piauí sofreu uma concorrência desigual e perdeu freguesia. Por isso, agora, mesmo quando não preciso muito, sempre compro algumas frutas para cooperar. Fiquei triste de não vê-lo na feirinha.

Eu ia sempre na feirinha aos domingos. No entanto, com a pandemia, deixei de frequentar, pois observava de longe e via aglomerações enormes. Fazia economia, trazia frutas e legumes frescos e ainda ajudava os pequenos produtores a sobreviverem.

Uma senhora guardava os biscoitos artesanais que fazia para nós mesmo quando chegávamos tarde. Também não a avistei. Mas encontrei firme o pessoal da banca do queijo, que também nos dispensava idêntica cortesia. Comentei: “Que bom ver que vocês resistiram à pandemia.” O rapaz e a moça simpáticos me responderam: “Sim, trabalhamos o tempo inteiro, mesmo quando não havia vacina. Mas alguns clientes morreram, não apareceram mais por aqui.”

Existem muitos angolanos nas periferias. Na feirinha, encontramos uma

africana zangada. Uma freguesa deu-lhe uma mercadoria, a senhora ficou brava e acusou: “Você tem coração ruim”. Minha mulher e eu tentamos apaziguar os ânimos, mas sobrou para nós: “Vocês também têm coração ruim”. Rimos e bandeamos para outra banca de angolanos.

Mas havia outra angolana que parece uma antípoda de primeira. Certa vez, fui comprar bananas, mas o filho da dona da banca queria me vender por um preço duas vezes maior que o da semana anterior. Achei demais, reclamei e ele manteve-se inflexível. Como a pendenga não teve solução, viramos para ir embora. No entanto, a matriarca angolana nos chamou, deu uma bronca elegante, mas com autoridade no filho e ordenou que ele fizesse um preço justo. Dos seus olhos se irradiava uma luz

intensíssima de bondade.

Prontamente, o filho atendeu. Ela pediu desculpas, mas não achou que era suficiente. Tateou algo na banca com as mãos e, de repente, agarrou duas batatas-doces e nos deu de presente para selar a paz. Aquela mulher do povo é uma sábia instintiva. Poderia mediar as nossas relações com a China muito melhor do que várias excelências.

Nem gosto de batata-doce. No entanto, confesso que fico arrasado com qualquer manifestação de bondade. Nunca mais fui à feirinha por causa da pandemia. Mas, algumas vezes, me pergunto: onde estarão a mulher do biscoito, o pessoal simpático que vende queijo, a angolana zangada e a angolana sábia. Fiquei feliz porque ela estava viva, no mesmo lugar, irradiando a mesma simpatia e luz de bondade nos olhos.

**DENGUE /** Moradores de prédios precisam redobrar os cuidados com a proliferação do *Aedes aegypti* tanto quanto quem reside em residências horizontais, mesmo com probabilidade menor de o transmissor chegar a andares mais altos

# Risco dentro de apartamentos

» ALESSANDRO DE OLIVEIRA  
» CAIO RAMOS

As recentes medidas para frear a alta nos casos de dengue, com o apoio de diversos órgãos do governo do Distrito Federal e do Exército, foram propostas, mas ainda não são suficientes para conter o avanço da doença. No último boletim epidemiológico da Secretaria de Saúde do DF (SES-DF), divulgado em 1º de fevereiro, foram registrados 29.492 casos prováveis da doença transmitida pelo *Aedes aegypti*. Entre eles seis mortes foram confirmadas, entre 30 óbitos prováveis — 24 estão em investigação ainda.

Diante de do estado de emergência, diante da epidemia, decretada pelo GDF, moradores de apartamentos questionam se há possibilidade do mosquito alcançar andares mais altos e quais os cuidados que residentes em prédios devem ter.

Segundo o médico e coordenador do Núcleo de Epidemiologia e Vigilância em Saúde da Fiocruz Brasília Cláudio Maierovitch, mesmo que as chances sejam menores, os cuidados são os mesmos. “Os riscos de casas com quintal, casas baixas, são maiores. O mosquito não voa em direção a andares mais altos, mas ele pode chegar através do elevador. As ações de quem mora em apartamentos são as mesmas para as casas. O cuidado com a água parada em vasos de plantas, a higiene em vasilhas de águas dos animais, fechamento dos ralos são os mesmos.”

O médico alerta para os cuidados em áreas comuns em condomínios. “Diferentemente das casas, os prédios têm áreas as quais muitas vezes vira um local de ninuguém, não há uma fiscalização, podendo ter uma grande quantidade de possíveis criadouros de mosquito”, explica.

Cláudio Maierovitch explica como a verticalização pode ajudar na transmissão do vírus. “Nos bairros mais horizontalizados, tem uma certa distância entre as casas. Nos prédios, é tudo mais perto e, como os mosquitos não percorrem longas distâncias, a transmissão é mais provável. Por isso, pessoas com dengue em apartamentos devem estar mais atentas aos sintomas e focos do mosquito”, relata.

Os números de casos da doença não param de crescer. Claudio avaliou situação atual da capital.

Caio Ramos/Esp.CB/D.A.Press



Luanna Braga aumentou o número de vezes que lava os recipientes de seu animal de estimação. Cuidados reforçados para evitar a dengue

Ed Alves/CB/DA.Press



Elevadores podem ajudar no transporte até apartamentos

“Tudo era indicava nas projeções o aumento no número de casos, e isso vem se confirmando nesse início de ano. Brasília tem aumento crescente durante os últimos anos, esse período de final de ano foi de muito calor e chuva, o que ajudou os mosquitos a se proliferarem, e as ações que deveriam ser adotadas

não foram ou foram muito tímidas. É necessária uma ação conjunta”, explica.

#### Prevenção

O medo da doença, que atingiu quase 30 mil pessoas no DF está mudando a rotina de moradores

Ed Alves/CB/DA.Press



Áreas comuns em condomínios e próximas a prédios são um risco

da capital do país. O professor Bruno Rocha, morador de um apartamento na Candangolândia, acompanha com apreensão as últimas notícias sobre os casos de infecção. “O assunto do momento é a dengue. Isso faz com que fiquemos atentos, porque ela é uma doença perigosa. Meus pais já pegaram, e sei o quanto

sofreram”, recorda.

“Eu lavo a vasilha e troco a água do meus gatos duas vezes na semana. Costumo regar as minhas plantas quase todos os dias, mas fico sempre atento para não deixar água acumulada nos vasos. Os ralos dos banheiros estão sempre fechados, e tento sempre ficar atento a todos

#### Sintomas

Os principais sintomas da dengue são febre alta, dores nas articulações, de cabeça, atrás dos olhos, coceiras, vômitos e náuseas. Procure a unidade de saúde mais próxima e o mais rapidamente possível.

#### Características

O *Aedes aegypti* possui o corpo preto com listras brancas, não produz ruído enquanto voa, pica sem deixar marcas, é mais ativo pela manhã e ao entardecer. A fêmea é a responsável por transmitir o vírus, e por produzir de 150 a 200 ovos, que eclodem entre sete e 10 dias. Após virarem adultos, eles podem percorrer até 1km.

os lugares da casa que podem acumular água”, afirma Rocha.

Outra pessoa preocupada com o avanço da dengue é a arquivista Luanna Braga, 42 anos. Moradora da Asa Sul, e com dois cachorros e plantas em casa, ela relata os cuidados que tem tomado em relação à dengue. “Eu limpo a vasilha constantemente, mais de três vezes na semana, e as plantas eu não deixo água parada no pires. Sempre estou atenta a esses cuidados”, detalha.

A produtora de eventos Amanda de Araújo tem tomado medidas mais enérgicas para evitar contrair a doença. “Uma das mudanças necessárias foi trocar os vasos de plantas da minha casa. Hoje, não tenho mais vaso com o pratinho embaixo acumulando água, passei a usar mais repelente, fechar as portas e janelas no período da tarde, por ser o período no qual mosquito mais aparece.”

“Eu tenho muito costume de beber e deixar as garrafas no apartamento, tive que mudar isso e passei a colocar as garrafas nas lixeiras do prédio, pelo fato de ter minha cachorra, tenho trocado a água e lavado sua vasilha quase todos os dias para não virar um foco da larva do mosquito”, conclui Amanda.

**Estagiários sob a supervisão de Suzano Almeida**

#### Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

#### Sepultamentos realizados em 2 de fevereiro de 2024

##### » Campo da Esperança

Alexandre Santos Pinheiro, 41 anos  
Edil de Sousa, 70 anos  
Edilson Barbosa da Silva, 68 anos  
Eliane Moura da Silva, 58 anos  
Elça Oliveira de Castro, 94 anos  
Francisco Rodrigues Pereira, 102 anos  
Geni Mechica Kadri, 93 anos  
Idalina Rosa de Almeida, 78 anos

Ismail Gomes, 78 anos  
José Felipe de Oliveira Filho, 86 anos  
Maria Aparecida Fiche, 85 anos  
Maria Leda Barbosa dos Santos, 68 anos  
Masayoshi Sugawara, 83 anos  
Nivalda Cassiano Ferreira Leite, 91 anos  
Reinaldo Ferreira de Sousa, 54 anos  
Rodrigo Ferreira Dias, 43 anos

##### » Taguatinga

Antônio Lopes de Sousa, 88 anos  
Antônio Rodrigues de Freitas, 72 anos  
Cláudio Gonçalves Rosa, 55 anos  
Francisca Rodrigues Rocha, 76 anos  
Francisco Teixeira de Oliveira, 79 anos  
Genida Silva Britto, 83 anos  
Ivoneide Ferreira de Gouveia, 52 anos

José Nilson do Nascimento, 48 anos  
Manoel Faria Rezende, 61 anos  
Maria Aparecida Oliveira Barbosa, 69 anos  
Cláudio Gonçalves Rosa, 55 anos  
Ronaldo Pereira da Silva, 43 anos

##### » Gama

Francisca Maria da Silva Souza, 77 anos  
Gael Almeida Soboia de Oliveira, menos de 1 ano

Maria das Graças Rodrigues, 71 anos  
Maria do Rosário Santana Mateus, 69 anos  
Maria Felisbela Rodrigues de Azevedo, 78 anos  
Maria Rosa Guimarães de Souza, 80 anos  
Ravi Henrique Fonseca da Silva, menos de 1 ano

##### » Planaltina

Raimundo Nonato de Souza, 74 anos

##### » Brazlândia

Adezino Vieira da Silva, 78 anos

##### » Sobradinho

Cidália Ribeiro de Farias, 76 anos

##### » Jardim Metropolitano — Cremação

Josefa Alves da Costa, 84 anos  
Raul Roberto Musso Santos, 91 anos  
Micheline Barbosa de Lima, 46 anos